

política

focar em 'pautas de futuro', diz Edegar

Perfil



FOTOS: TÂNIA MEINERZ/JC

Edegar Pretto nasceu no interior do município gaúcho de Miraguaí em 1971. É um dos nove filhos do deputado federal Adão Pretto (PT), falecido em 2009. É graduado em Gestão Pública pela Facinter. Em 1990, foi um dos coordenadores da campanha de seu pai à Câmara dos Deputados. Entre 1991 e 1994, foi assessor na Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa. A partir de 1994, integrou a gestão da cidade de Novo Barreiro, onde foi secretário da Fazenda. Em 1999, começou como chefe de gabinete do deputado

Dionilso Marcon (PT), na Assembleia. Em 2010, Edegar Pretto foi eleito para seu primeiro mandato, e reeleito nos pleitos de 2014 e 2018. Em 2017, exerceu a presidência da Assembleia Legislativa. Em 2022, concorreu ao governo do Rio Grande do Sul, ficando em terceiro lugar. Comandou a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) de 2023 a 2026. Foi o vice na chapa ao Palácio Piratini liderada por Juliana Brizola (PDT), derrotada em primeiro turno na eleição de 2026. Coordena a campanha do presidente Lula (PT) no RS.

que pensa sobre isso?

Edegar - Eu já dizia no primeiro turno que nunca tivemos uma intervenção externa tão pesada nas eleições brasileiras, como estamos tendo nesse pleito. O Trump, o sistema financeiro e as big techs (grandes empresas estadunidenses de tecnologia, como a Meta, que administra o Instagram, o Facebook e outras redes sociais) estão cometendo um crime ao priorizar as redes da extrema-direita. Não venceram no primeiro turno pela força e o legado do presidente Lula.

JC - O senhor acredita que o tema da soberania nacional sensibiliza o eleitorado?

Edegar - O eleitorado tem que receber uma mensagem mais clara sobre o que significa defender a nossa soberania. (O candidato à presidência do PL) Flávio Bolsonaro já tem um compromisso com o Trump. Ele e o seu irmão foram os grandes articuladores do tarifaço que penalizou a economia bra-

sileira. Inclusive, o Rio Grande do Sul foi um dos estados mais atacados pelo tarifaço do Trump. Além disso, o Flávio Bolsonaro já disse que, se ele vencer a eleição, quer ter um conselho indicado pelo Trump para ajudar a fazer a transição do governo. Então, temos que explicar para o povo o que é a defesa da soberania. É a gente não aceitar a intromissão de outra nação. Veja, o Trump quer ser amigo do Flávio? Não, ele quer as nossas riquezas: o petróleo, a Petrobras, as terras raras, os minerais críticos brasileiros. Isso pertence ao povo brasileiro.

JC - A partir dessa leitura do cenário eleitoral, quais as prioridades da campanha no segundo turno?

Edegar - Continuaremos defendendo o legado do presidente Lula. Ninguém fez mais do que ele pelo povo brasileiro. Mas vamos apresentar para o eleitor uma pauta de futuro. E vamos caracterizar

bem o nosso adversário.

JC - Que temas entram nessa "pauta de futuro" no Rio Grande do Sul?

Edegar - No Rio Grande do Sul, mandaremos uma mensagem ao público feminino, porque é o Estado onde mais mulheres morrem vítimas de feminicídio, apesar de já ter medidas protetivas. Diante disso, não é possível eleger um machista como o Flávio Bolsonaro. Ele não respeita as mulheres. Diz que é da família, mas agora está aparecendo que o grande hobby dele eram as festas de orgia com o Vorcaro. Como é que ele diz que defende a família fazendo uma prática tão desrespeitosa com a sua própria família? Além disso, vamos abordar o combate ao crime organizado...

JC - Qual a estratégia para a área da segurança pública, que, historicamente, é uma pauta mais capitalizada pela direita?

Edegar - Na reunião que tive-

mos com o presidente Lula (após o primeiro turno), vamos deixar muito clara a nossa luta contra o crime organizado. Tem muitos pais e mães que estão preocupados com a segurança das suas crianças, da juventude. Se Flávio Bolsonaro estiver sentado na cadeira da presidência da República, pelo seu passado e pelas suas companhias, vai ser o crime organizado no Palácio do Planalto.

JC - A economista Daniela Marques, que chefia o time de Flávio Bolsonaro, tem falado em um corte de R\$ 200 bilhões no orçamento federal para diminuir a dívida pública. O que a campanha do presidente Lula prevê para a pauta econômica?

Edegar - O Flávio levantou a questão desse "tesourão" que ele pretende fazer no orçamento. Vamos deixar claro ao trabalhador que esse corte vai acontecer nas políticas públicas: no programa Pé de Meia, no Bolsa Família, na Farmácia Popular, no Gás do Povo. Mas não queremos dialogar só com o cidadão e a cidadã que estão incluídos nos benefícios sociais...

JC - Vai haver propostas específicas para o público que não recebe benefícios sociais...

Edegar - Tem uma camada grande de trabalhadores que não recebem benefícios, mas têm um sonho de prosperidade. Infelizmente, a conta não está fechando no final do mês. Agora o salário está sendo aumentado acima da inflação todos os anos, só que ficou congelado durante os quatro anos do governo Bolsonaro. O cidadão e a cidadã têm seus sonhos de comprar uma roupa nova, passear, ir para a praia, levar os filhos para jantar em um restaurante. Por isso, o fim da escala 6x1 traz não só a opção para quem quer descansar mais um dia ou passar mais um dia com os filhos. Também traz o tempo necessário para o jovem, para o trabalhador fazer um curso, se qualificar melhor, ascender na sua profissão, e consequentemente ganhar mais.

JC - Grande parte das pessoas que não recebe benefícios é autônoma...

Edegar - Para contrapor o tesourão de R\$ 200 bilhões do Flávio Bolsonaro, nosso compromisso é ampliar o teto de faturamento para quem tem um MEI (Microempreendedor Individual). Dessa forma, o microempresário pode aumentar seu faturamento e permanecer com os benefícios

do Simples Nacional (regime tributário simplificado para MEIs e pequenas empresas). Essa é uma garantia de que o presidente Lula representa um futuro mais seguro e promissor.

JC - Após uma reunião com aliados, o senhor anunciou que a campanha do presidente Lula vai se concentrar nas 30 maiores cidades do Rio Grande do Sul. A escolha desses locais aconteceu porque eles têm mais chance de virar votos ou porque é onde se encontra a maior parte do eleitorado?

Edegar - As duas coisas: é onde tem mais eleitores e onde fomos melhor. Apesar de termos ganhado em Porto Alegre, ficamos aquém da nossa expectativa na Região Metropolitana. Perdemos, mas por poucos votos. De qualquer forma, o que se produz em Porto Alegre, tradicionalmente, se irradia para os outros municípios da Região Metropolitana. Em Porto Alegre, dividimos a cidade em nove regiões onde teremos agendas diárias, com a presença de pessoas conversando. Estamos fazendo um cadastro dos militantes que, espontaneamente, querem participar da campanha. Estamos fazendo a mesma coisa em todos os municípios da Região Metropolitana, do Vale dos Sinos e no caminho do trem (Trensurb). Cada companheiro, cada companheira vai focar no seu território, onde é mais conhecido.

JC - A unidade construída em torno da candidatura de Juliana Brizola (PDT) segue no segundo turno, na campanha de Lula? Os oito partidos estão envolvidos?

Edegar - Todos os partidos. Nossa campanha vai focar onde a gente tem condições de virar mais votos. Nosso compromisso é chegar a uma votação de 43% para o presidente Lula, que foi o mesmo número de votos que ele fez no segundo turno de 2022. Para isso, precisamos recuperar 600 mil votos. E é possível. A maior virada histórica vai ser feita no segundo turno da eleição de 2026.

** Esta é a primeira entrevista da série com coordenadores no Rio Grande do Sul das campanhas de Lula (PT) e Flávio Bolsonaro (PL). Na próxima segunda-feira, o JC publicará a entrevista com Giovani Cherini (PL), responsável pela campanha de Flávio no Estado.*